

## Redescrever – um verbo de Rorty com sabor de Wittgenstein

Paulo Ghiraldelli Jr.

“Redescreva-me ou não te devoro” – esta foi a regra que Richard Rorty criou para contar a história da filosofia. A filosofia seria uma conversação em que os filósofos ou redescrevem seus interlocutores já mortos ou então estes realmente não os devorariam, ou seja, não seriam nenhum pouco perigosos. Não sendo perigosos, não causando ameaça, nada útil poderiam oferecer.

Em seus termos, Rorty fez a defesa da idéia de *re-significação* de Dewey e *interpretação* de Nietzsche. Mas agiu segundo um novo lastro, o da filosofia analítica. Aplicando a noção de redescrição à filosofia, viu sua história como uma atividade de reeducação dos mortos. O filósofo reeduca os já mortos, isto é, os redescreve, de modo que estes possam vir ao presente conversar com ele, fazer ameaças e, então, receber punições merecidas e elogios circunspectos.

É claro que essa foi uma das formas pelas quais Rorty apresentou a redescrição. Mas não a única e, talvez, não aquela que realmente esteve na base de seus escritos mais centrais.

Foi uma pena que alguns tenham entendido essa noção de redescrição de Rorty antes como um elemento a mais do relativismo filosófico que uma potente noção wittgensteiniana nascida para colocar de lado a superposição hierárquica de narrativas, a partir de superioridades epistemológicas. Pois a utilidade real da noção de redescrição não poderia ter a força que Rorty queria mostrar que ela tinha, caso ficássemos olhando para seu uso apenas na história da filosofia. Como noção inspirada em Wittgenstein, a redescrição nasceu da verve antifundacionista de Rorty.

Do modo como o leio, Rorty utiliza a redescrição, em seu sentido forte, do modo que isso pode ser visto na linha do parágrafo 116 das *Investigações filosóficas* de Wittgenstein:

Quando os filósofos usam uma palavra – ‘saber’, ‘ser’, ‘objeto’, ‘eu’, ‘proposição’, ‘nome’ – e procuram apreender a essência da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe? –

*Nós* reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano.<sup>1</sup>

A idéia aqui é simples, e talvez por isso mesmo revoltante para os

---

<sup>1</sup>Wittgenstein: *L>Investigações filosóficas>Wittgenstein–Ospensadores>São Paulo. Abril Cultural<* 1991. p>55

professores de filosofia, os que dependem da profissão de antes ensinar filosofia que filosofar. Wittgenstein está dizendo que os que fazem como ele (“nós”, em itálico do próprio Wittgenstein na citação) não desempenham outro ato que não o de pegar as palavras que são meninas dos olhos dos filósofos e as trazer *de volta* para casa. Em outras palavras: eles as reterritorializam, uma vez que a filosofia, um dia, as desterritorializou. De volta para casa, essas palavras se acomodam aos seus jogos de linguagem originais, comuns, corriqueiros e, então, perdem a carga problemática que haviam adquirido por terem sido raptadas pela filosofia.

Qual o resultado disso? O resultado é que, com as palavras de volta para casa, percebemos que a conversa que estávamos levando adiante com elas, no campo filosófico, implicava na criação de pseudo problemas. Tais dificuldades foram criadas pela desterritorialização, o que conduziu a não se saber jogar o jogo de linguagem nos quais tais palavras ganharam sentido e no qual viveram efetivamente. O exemplo da linguagem de Kant, com o termo “coisa em si”, é significativo.

Sobre tudo que conversamos, estabelecemos relações. Falamos de montanhas, e no jogo de linguagem onde tal palavra faz sentido ela é, entre tantas coisas, uma palavra que diz respeito a coisas que existem fora de nossa mente. Caso não seja assim, isto é, caso não usemos a palavra “montanha” nesse sentido, cabível no jogo de linguagem na qual ela fica adequada e se sente em casa, podemos até usar a grafia “montanha”, mas não estaremos mais falando de montanha. Estaremos usando o jogo de linguagem e a palavra que a ele pertence de um modo a não cumprir as regras do jogo. No limite, não estamos sabendo jogar. Não podemos falar a palavra “montanha” e em seguida perguntar “e a montanha em si, onde está?” Pois o que é a “montanha” em si? Algo em si não cabe receber qualquer descrição, pois deixaria de ser em si, e então, já não poderia ser nada, muito menos montanha. Nesse caso, se insistirmos nisso, estaremos querendo jogar com a palavra “montanha” um jogo em que ela não se faz presente.

Saber jogar o jogo no qual podemos utilizar a palavra “montanha” é entrar em um jogo de linguagem no qual as relações causais com a montanha – as únicas possíveis – seguem dois tipos de descrições. Temos relações causais com a montanha, por exemplo, quando a descrevemos como sendo uma elevação a X metros acima do nível do mar e a Y metros acima de onde estamos. Nesse caso, são relações que possuem aspectos imutáveis. É a própria definição de montanha que há nessa descrição. Não podemos mudar isso, pois se o fizermos a própria palavra montanha torna-se inócua. Mas temos relações causais mutáveis com a montanha quando nos relacionamos com ela por meio de uma descrição que diz que ela é o Pico do Jaraguá, hoje, mas que pode ser mudada, por exemplo, para o Pico da Torre do Canal Bandeirantes. Nos dois casos temos descrições. Não há o que fazer além disso, ou aquém.

Em nenhum caso temos espaço para o uso de "coisa em si". Forçar a montanha a ser coisa em si é redesterritorializar a palavra novamente e inflacionar tudo com questões metafísicas sobre realismo e anti-realismo etc. Ora, não se pode querer isso após já ter trazido a palavra de volta para casa e, então, ter jogado fora os pseudo-problemas. De volta ao cotidiano a palavra se mostrou saudável, e a terapia, ao desfazer os problemas, se completou. Eis o que a filosofia pode fazer. E é nesse sentido que ela é terapia da linguagem.

Ora, é assim que podemos pensar a redescrição. No âmbito interno da filosofia, redescrever é descrever as situações fazendo as palavras voltarem para casa, de modo a viverem nos jogos de linguagem cotidianos, onde nasceram.

Quando agimos assim, desinflacionamos a linguagem de elementos metafísicos e, então, começamos não a resolver problemas filosóficos, mas a dissolve-los, mostrando como são apenas pseudo-problemas. A atividade de redescrição aqui não tem qualquer vínculo com o relativismo, pois o que faz é simplesmente se livrar do sítio no qual alguma planta poderia dar como fruto coisas como relativismo ou realismo ou representacionismo etc.

Este é o sentido forte do termo redescrição. O sentido wittgensteiniano. É um dos caminhos seguidos por Rorty. O caminho onde a noção de redescrição tem sua maior força.